

Orelha

A expressão "senso comum" refere crenças adotadas em obediência à opinião geral, por prudência, conformismo e busca de aprovação.

Em relação ao conflito do Oriente Médio, a imprensa e a academia criaram estereótipos que adquiriram o *status* de verdade absoluta. O efeito do bombardeio de informações e análises manipuladas ao gosto dos czares da mídia e dos gurus universitários comprova a paradoxal constatação contida na "lei de Goebbels": uma mentira suficientemente repetida transforma-se em certeza inquestionável.

Se a adesão a essa máxima por parte da extrema direita não é senão a consequência direta da sua concordância com a famosa proposição enunciada por Maquiavel ("o fim justifica os meios"), o que teria levado a esquerda a percorrer um caminho semelhante?

Talvez a mesma suposição: a de que o interesse do "povo", entidade mítica tanto para o nazismo como para o comunismo, exige o sacrifício de determinadas minorias (pequenos proprietários rurais, por exemplo, ou deficientes mentais e físicos), imoláveis nos altares da ditadura do proletariado e da supremacia ariana.

A esquerda, apesar de dividida em inúmeras correntes, aceitou em conjunto essa cláusula da herança stalinista. A satanização de Israel, país minoritário no Oriente Médio, serve a uma causa maior: o anti-americanismo.

E a que serve o anti-americanismo? Diferentemente da mais do que compreensível crítica ao capitalismo, proferida desde sempre pelo humanismo socialista, o anti-americanismo obedece a interesses bem particulares... e nada humanistas.

Foram necessárias quase duas décadas desde 1945 para que a matança industrial nazista começasse a ser compreendida; as respectivas conseqüências foram devastadoras para a direita. Por isso ela se empenha tanto em negar o Holocausto, sem o que não tem como ressuscitar enquanto força política. Similarmente, a inversão da história do conflito do Oriente Médio tornou-se igualmente imprescindível para a esquerda. Os crimes das ditaduras do proletariado são cada vez mais conhecidos e seu efeito tem sido igualmente devastador.

As correntes esquerdistas que se recusam a rever o postulado do predomínio do estado sobre a sociedade, origem comum do Gulag e de Pol Pot, optaram pela estratégia do bode expiatório.

Aqui a história mostrou-se capaz da mais fina ironia. Da mesma forma que o judeu foi escolhido pela direita alemã do pós (primeira) guerra para justificar a derrota militar, permitindo que os setores conservadores se mantivessem no poder, Israel é de uma utilidade a toda prova para a esquerda em crise.

Evita-se assim o julgamento de Nuremberg do "socialismo real". A estratégia é denunciar o colonialismo renovado do qual o sionismo, instrumento dos EUA, seria o exemplo por excelência. Dessa forma, a esquerda autoritária ganha um alibi quase perfeito, mantendo o capitalismo no banco dos réus.

Em suma, a negação do Holocausto serve à ressurreição da direita no cenário político tanto quanto a inversão da responsabilidade pelo conflito do Oriente Médio deve-se ao esforço da esquerda para sobreviver ao fracasso - econômico, político e ético - do socialismo real.

Correspondentemente, os crimes do nazismo e os crimes do comunismo são debitados aos judeus e a Israel ("indústria do Holocausto"), graças ao que Freud descreveu como "projeção" - o mecanismo responsável pela criação do bode expiatório.

O autor deste livro considera prioritários a justiça social e a responsabilidade ecológica. Dificilmente poderia ser carimbado com o estigma que as patrulhas ideológicas usam tão freqüentemente em relação a seus adversários políticos.

É possível pertencer ao campo da esquerda e argumentar em sólidas bases que a existência de Israel beneficia o povo árabe na mesma medida em que prejudica os interesses das oligarquias que o oprimem.

É bem mais difícil alegar que se pertence ao campo da esquerda quando se apóia milícias terroristas criadas e sustentadas por algumas das ditaduras mais retrógradas do planeta, que em nada se diferenciam das tiranias latino-americanas responsáveis por verdadeiros genocídios cujas

principais vítimas foram precisamente os que lutaram por uma sociedade mais justa.

Consulte mais sobre esse e outro títulos do autor:

www.franklingoldgrub.com